

# O contato com agrotóxicos e os possíveis agravos à saúde de trabalhadores rurais

Aline Almussa<sup>1</sup>

Maria Luiza Gava Schmidt<sup>2</sup>

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Assis

## Introdução

O uso de agrotóxicos no Brasil é considerado alto e preocupante. Alimentos possuem taxas mais elevadas que o permitido; o meio ambiente, o solo, os lençóis freáticos e rios vêm sendo contaminados (Peres, Moreira, & Luz, 2007). O descarte inadequado das embalagens dos defensivos ou sua lavagem de modo inapropriado também contribuem para contaminação tanto do meio ambiente, quanto do homem. E, se tudo isso interfere na saúde da população, imagine-se na saúde do trabalhador rural, que está constantemente em contato direto com essas substâncias.

Estudos mostram que a contaminação pode estar relacionada com a falta de informação técnica e com baixos níveis de alfabetização (Peres et al., 2005; Pires et al., 2005; Schmidt & Godinho, 2006). Evidenciam também a ocorrência do não uso de EPI (Equipamentos de Proteção Individual) por muitos agricultores e trabalhadores, devido a alguns fatores que poderiam contribuir para não usá-los: questão financeira, calor, falta de costume e desconforto. Alguns estudos apontam para uma descrença do funcionamento do EPI. Veiga et al. (2007) e Kato et al. (2007) ressaltam, em seus estudos, que alguns EPI possuem falhas estruturais, podendo tornar-se fonte de contaminação.

Quanto à toxicidade dos agrotóxicos, os trabalhadores algumas vezes não leem as informações dos rótulos das embalagens, enquanto os que leem frequentemente não as interpretam corretamente, utilizando os defensivos agrícolas em quantidades e de modo inapropriado. Eles são classificados em classes de I a IV, havendo uma escala de cores correspondente: vermelho, amarelo, azul e verde (do mais tóxico ao menos tóxico, respectivamente). Alguns reconhecem a toxicidade do agrotóxico, algumas vezes, por essa escala de cores. No entanto, a maioria continua fazendo seu uso, pois o considera inevitável (Recena & Caldas, 2008).

Por conseguinte, para trabalhar e produzir frente ao risco, alguns autores consideram que os trabalhadores e agricultores utilizam ideologias defensivas (Fonseca et al., 2007; Schmidt & Godinho, 2006; Peres, Rozemberg & Lucca, 2005; Recena & Caldas, 2008), como a negação do risco. Para Dejours (1992) a ideologia defensiva tem como papel mascarar, conter e ocultar uma ansiedade grave. Construída e destinada a lutar contra os

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>2</sup> Doutorado em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Psicodramatista filiada à Federação Brasileira de Psicodrama. Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Fatores Humanos no Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: acidente do trabalho, saúde do trabalhador, diagnóstico organizacional e psicodrama.

perigos e riscos reais, identificados pelo coletivo. Assim, são essas estratégias que vão permitir ao trabalhador sobreviver no ambiente de trabalho, por meio da constituição de um valor simbólico em que ele irá dominar o perigo.

Schmidt e Godinho (2006), em seu estudo, mostram também a necessidade de investigar mais apuradamente a relação entre o emprego de agrotóxicos e o consumo de álcool, porque este pode estar articulado com ideologias defensivas, além de ser uma dose de energia para o trabalhador enfrentar as condições de trabalho. Fonseca et al. (2007) ressaltam que a crença no efeito protetor de bebidas alcoólicas é um outro elemento que pode influenciar o comportamento dos trabalhadores no manejo dos defensivos, já que eles creem que o álcool imunizaria o corpo dos efeitos nocivos do agrotóxico, o que os levaria, inclusive, a desprezar o uso de EPI. Algo parecido ocorre com o leite e a crença de que ele corta o efeito do veneno (Castro & Confalonieri, 2005).

Entre os efeitos mais corriqueiros de intoxicações, encontramos: dor de cabeça; vômito, tontura, hipertensão arterial, problemas dermatológicos, problemas respiratórios, depressão e relação com causas de suicídio (Araújo et al., 2007; Bedor et al., 2009; Bochner, 2006; Castro & Confalonieri, 2005; Faria et al., 1999; Faria et al., 2006; Meyer et al., 2007; Peres et al., 2004; Peres, Rozemberg & Lucca, 2005; Pires et al., 2005; Recena & Caldas, 2008; Trapé, 1993).

### ***Objetivos***

Pretendemos alcançar os seguintes objetivos: identificar os riscos à saúde dos trabalhadores rurais cadastrados no ESF/ PACS (Estratégia Saúde da Família – Programa de Agentes Comunitários de Saúde), no município de Sertãozinho, SP/ Brasil, mediante o contato com agrotóxicos; conhecer o cotidiano desses trabalhadores rurais, e suas maneiras de utilizar os agrotóxicos; verificar queixas de saúde física e mental e possíveis relações dos sintomas com o uso dos defensivos agrícolas; identificar e registrar situações cotidianas de trabalho que impliquem o contato e possíveis riscos de exposição a eles; apreender a percepção dos sujeitos sobre os riscos decorrentes de seu uso; conhecer os cuidados empregados para evitar danos à saúde provocados pelo contato com os produtos; além de colaborar com informações técnico-científicas sobre a temática.

### ***Aspectos Metodológicos***

A pesquisa realizar-se-á na cidade de Sertãozinho/ SP, que é conhecida por ser grande produtora de açúcar e álcool. O programa ESF (Estratégia Saúde da Família) da cidade é formado por PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde) nos bairros Jardim Alvorada e Shangri-lá, e no distrito de Cruz das Posses, com aproximadamente 3 mil famílias cadastradas (dados setembro/2009). Serão entrevistados 60 (sessenta) trabalhadores(as) rurais acima de 18 anos de idade, com registro no ESF/PACS, escolhidos aleatoriamente. Através dos dados cadastrais das fichas dos usuários do ESF/PACS, buscaremos selecionar os trabalhadores. Logo, os seus prontuários médicos serão analisados e eles serão procurados para realização de entrevistas individuais semiestruturadas com duração estimada de 1 hora. Desse modo, o entrevistado tem

possibilidade de discorrer sobre o tema, sem respostas prefixadas (Minayo, 2004). Há ainda, como possível instrumento, o registro fotográfico que visa a registrar situações do cotidiano de trabalho, evidenciando possíveis riscos de exposição. Ao final do estudo, serão realizadas devolutivas às autoridades locais, trabalhadores e demais interessados.

### ***Método***

Os dados serão fundamentados quantitativamente e qualitativamente. Os referentes à abordagem por meio de instrumentos qualitativos (entrevistas) serão examinados tomando-se como referência a Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (1992), que considera o discurso do trabalhador como importante meio para a compreensão de sua saúde e de aspectos associados ao trabalho.

### ***Resultados Parciais***

Resultados parciais revelam que há 123 trabalhadores rurais no bairro Alvorada: 104 homens e 19 mulheres, dos 21 aos 72 anos de idade. Desses, 24 não são alfabetizados; 40 apresentam alguma queixa de saúde, entre as quais alcoolismo, tabagismo, hipertensão, diabetes, doença pulmonar e algum tipo de deficiência.

### ***Considerações Finais***

Assim, nota-se, nessa parcela do estudo, que alguns trabalhadores sofreram danos à saúde. Vimos diversos fatores relacionados como determinantes dos impactos causados pelos defensivos agrícolas, tais como: baixo nível de escolaridade, desconhecimento de técnicas alternativas e eficientes de cultivo; pouca atenção dada ao descarte de rejeitos e embalagens. Esperamos alcançar, com o decorrer da pesquisa, os objetivos propostos, sobretudo acerca da apreensão dos participantes sobre os riscos decorrentes da utilização dos agrotóxicos.

### ***Bibliografia***

- Araújo, A. J. et al. (2007). Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, RJ. *Ciênc. saúde coletiva*, 12(1), 115-130.
- Bedor, C. N. G. et al. (2009). Vulnerabilidades e situações de riscos relacionados ao uso de agrotóxicos na fruticultura irrigada. *Rev. Bras Epidemiol*, 12(1), 39-49.

- Bochner, R. (2006). Perfil das intoxicações em adolescentes no Brasil no período de 1999 a 2001. *Cad. Saúde Pública*, 22(3), 587-595.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2006). Resíduos de agrotóxicos em alimentos. *Rev. Saúde Pública*, 40(2), 361-363.
- Brasil. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Histórico da Adequação Fitossanitária no Brasil*. Acessado em 20/02/2009, do <http://www.cnpma.embrapa.br/unidade/index.php3?id=324&func=unid>.
- Castro, J. S. M. & Confalonieri, U. (2005). Uso de agrotóxicos no Município de Cachoeiras de Macacu (RJ). *Ciênc. saúde coletiva*, 10(2), 473-482.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Oboré.
- Faria, N. M. X. et al. (1999). Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). *Rev. Saúde Pública*, 33(4), 391-400.
- Faria, N. M. X. et al. (2006). Suicide rates in the State of Rio Grande do Sul, Brazil: association with socioeconomic, cultural, and agricultural factors. *Cad. Saúde Pública*, 22(12), 2611-2621.
- Fonseca, M. G. U. et al. (2007). Percepção de risco: maneiras de pensar e agir no manejo de agrotóxicos. *Ciênc. saúde coletiva*, 12(1), 39-50.
- Kato, M. et al. (2007). Exposição a agentes químicos e a Saúde do Trabalhador. *Rev. Bras. Saúde ocup.*, 32(116), 06-10.
- Meyer, T. N. et al. (2007). Incidência de suicídios e uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais em Luz (MG), *Rev. bras. Saúde ocup.*, 32(116), 24-30.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Peres, F. et al. (2004). Percepção das condições de trabalho em uma tradicional comunidade agrícola em Boa Esperança, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 20(4), 1059-1068.
- Peres, F. et al. (2005). Desafios ao estudo da contaminação humana e ambiental por agrotóxicos. *Ciênc. saúde coletiva*, 10, 27-37.
- Peres, F., Rozemberg, B., & Lucca, S. R. (2005). Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. *Cad. Saúde Pública*, 21(6), 1836-1844.
- Peres, F., Moreira, J. C. & Luz, C. (2007). Os impactos dos agrotóxicos sobre a saúde e o ambiente. *Ciênc. saúde coletiva*, 12(1), 4.
- Pires, D. X. et al. (2005). Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 21(2), 598-604.
- Recena, M. C. P. & Caldas, E. D. (2008). Percepção de risco, atitudes e práticas no uso de agrotóxicos entre agricultores de Culturama, MS. *Rev. Saúde Pública*, 42(2), 294-301.
- Schmidt, M. L. G. & Godinho, P. H. (2006). Um breve estudo acerca do cotidiano do trabalho de produtores rurais: intoxicação por agrotóxicos e subnotificações. *Rev. Bras. de Saúde Ocup*, 31(113), 27-40.

- Prefeitura Municipal de Sertãozinho/SP. (2009). *A cidade*. Acessado em 28/02/2009, do <http://www.sertaozinho.sp.gov.br>.
- Sinam. (2009). *Sistema de Informações de Agravos de Notificação*. Acessado em 20/02/2009, do <http://www.cve.saude.sp.gov.br/htm/cve>.
- Sindag. (2009). *Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola*. Acessado em 20/02/2009, do [http://www.sindag.org.br/new\\_site/index.php](http://www.sindag.org.br/new_site/index.php).
- Sinitox. (2009). *Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológica*. Acessado em 20/02/2009, do <http://www.fiocruz.br/sinitox>.
- Trapé, A. Z. *Efeitos toxicológicos e registro de intoxicações por agrotóxicos*. Acessado do <http://www.feagri.unicamp.br/tomates/pdfs/eftoxic.pdf>.
- Trapé, A. Z. (1993). Saúde do trabalhador rural. *Informações Econômicas*, 23(Suppl.1), 1-58.
- Veiga, M. M. et al. (2007). A contaminação por agrotóxicos e os Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs). *Rev. bras. Saúde ocup.*, 32(116), 57-68.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.  
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*